

Dia tenso em Guariba. Mas afinal, um acordo.

Enquanto o acordo não veio, houve horas monótonas, mas intranquias: bloqueios nas ruas, pedras e estilingues preparados, nervosismo.

O fim da greve dos bóias-frias de Guariba abafou uma revolta que podia se ampliar, sem controle nem previsão de consequências. Foi ontem à tarde, no momento em que praticamente todos os dois mil trabalhadores da cidade, reunidos em assembleia no estádio municipal, ergueram os braços entre exclamações de aprovação. Acabavam de aceitar o acordo que as lideranças sindicais e uma comissão de bóias-frias haviam alcançado um pouco antes, numa reunião com representantes dos empregadores e com o secretário do Trabalho, Almir Pazzianoto, na vizinha Jaboticabal.

Àquela hora, na entrada principal da cidade, muitos bóias-frias impediam a passagem de qualquer veículo. Eram, principalmente, adolescentes e jovens; mas todos eles cortadores de cana. A Polícia Militar havia preparado seus homens, que até o meio da tarde descansavam na área externa de sua sede. No Jardim Bairro Alto, como apropriadamente é chamado o maior bairro de bóias-frias, ainda ecoavam as ameaças desatinadas que esses homens e mulheres rudes, simples, tinham feito horas antes, pensando no insucesso das negociações. No centro, o comércio fechara de vez — em alguns casos, por sugestão da polícia.

Essa era a situação quando os dois mil homens e algumas mulheres ergueram seus braços, no estádio. Se isso não tivesse acontecido — previa-se —, a greve se consolidaria de uma vez em toda aquela região. E a repetição e o agravamento dos choques entre policiais e grupos de bóias-frias, com consequências imprevisíveis, seria inevitável.

A greve acabou. Os homens voltaram para suas casas sob promessa de trabalhar hoje. Ao anoitecer, Guariba parecia estar retomando sua calma.

Mas ninguém poderia prever os resultados, quando a assembleia no estádio começou, às quatro e vinte. O vento abafado da tarde quente havia trazido de Jaboticabal os primeiros resultados das negociações. Os repórteres (outro acontecimento novo na cidade) começaram com as perguntas. Muitos bóias-frias se mostraram mal-dispostos para aprovar o acordo: ou indecisos. Ainda era muito cedo. Apenas alguns itens das negociações eram conhecidos.

E ainda por cima começou a chover, mal se iniciou a assembleia. Ninguém arredou pé, no entanto. O secretário Pazzianotto chegou, a chuva parou. Estava-se nos discursos. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores rurais de Guariba, Benedito Vieira de Magalhães, atacou com suas horas de sono e de trabalho gastos para se obter a vitória. “Não foi atendido tudo o que nós pedimos, mas conseguimos 90%”. Os ouvintes ficaram curiosos.

Magalhães falou então de sua emoção e disse que passara o dia todo sem comer. Os bóias-frias achavam graça.

Então, falou o secretário do Trabalho, começando por enumerar as horas que dispendera com as negociações. “Não foi uma obra definitiva.” “O sindicato e os trabalhadores vão conseguir coisa melhor.” “Mas o trabalhador rural passou a ser reconhecido em seu valor, força e dignidade” (antes, falando aos repórteres, Almir Pazzianotto chamara os resultados obtidos de “um avanço bastante considerável na regulamentação das condições de trabalho dos bóias-frias”).

Mas Pazzianotto, “sem querer fazer intriga”, começou a contar que durante as negociações o telefone não parava de tocar. Eram, disse, usineiros e fazendeiros de todo o Estado, querendo saber como iam as coisas. “E ao saber eles não aceitavam, não se conformavam. Até que um dos patrões disse: ‘Eu assumo e faço o que acho certo. Se vocês não quiserem...’ E assinou o documento.” Agora, concluiu o secretário, “os usineiros que opunham resistência vão ter de aceitar, porque temos um ponto de partida”.

A reação da "moçada"

E vieram os itens do acordo, redigido em linguagem de cartório e lido na íntegra — para os bóias-frias —, por José Antônio Pancotti, advogado da Federação dos Trabalhadores Rurais. O que Pancotti pensava causar grande impacto, merecia palmas modestas. Alguns itens (veja matéria na página seguinte) mereciam um mais de entusiasmo, como o que dá gratuitamente. Aos trabalhadores macacão, luvas e tornozeleiras. Outros simplesmente não provocaram reações.

Pancotti se esforçava. O público não reagia. Naquele momento, essa situação dada a decisão que viria a seguir, era mesmo para preocupar. Na verdade, grande parte do problema era simplesmente este: os bóias-frias não estavam entendendo claramente o que lhes diziam. Até que um de seus companheiros, que participava como representante da classe nas negociações, tomou a palavra e disse:

— Moçada! Inté agora nós tava na reunião sobre no meio dos home.

E explicou as coisas. Mas foi preciso ainda que outros oradores falassem mais claramente os sucessos obtidos no acordo, para os trabalhadores reagirem. O advogado da Federação dos Trabalhadores, vereador do PMDB em Ribeirão Preto, Carlos Leopoldo Paulino, tratou de entusiasamá-los. Falou das vantagens de lutas que poderão vir no futuro. E despejou: “Nós estaremos sempre aqui para sofrer com vocês e enfrentar a polícia, sempre que necessário”.

Aproveitou para dizer que um coronel da PM se referira a ele e outras pessoas ligadas à greve como estranhos, e replicou: “Estranho é o coronelzinho que disse isso e seu pessoal que veio bater em operário e chefe da família”. E depois disso tudo, rapidamente, pediu para os que estivessem de acordo levantarem o braço.

Guariba acordou ontem com menos policiais e carros com soldados andando por suas ruas. O prefeito Evandro Vitorino (ausente de locais públicos e de sua casa — estava na Capital) chegou a esboçar um decreto de calamidade pública. Mas acabou por não assiná-lo. Assim mesmo, as seis escolas estaduais e uma particular da cidade, que, com o Mobral, ensinam cinco mil alunos, não funcionaram. Os bancos trabalharam protegidos por policiais, e com portas semi-abertas. O comércio, um pouco por aí. Os postos de gasolina preferiram não abrir. E a água da Sabesp corria pelos canos, desde o dia anterior, livre da ameaça de envenenamento de terça-feira.

De manhã, o estádio municipal abrigou bom número de bóias-frias. Os mesmos personagens que fariam à tarde recorreram aquela hora sobre as negociações começadas em Jaboticabal. E explicaram cuidadosamente o que é um fundo de greve, que dinheiro e alimentos já estavam sendo recolhidos em outras cidades. Depois disso, os trabalhadores se espalharam pela praça principal, onde está o estádio. Ficaram por ali algum tempo, dando a medida da tensão que ainda se respirava na cidade. Acabaram se retirando; o clima de tensão ficou.

Na verdade, a expectativa da assembleia da tarde desestimulava qualquer incidente. E Guariba viveu horas monótonas, embora intranquilas.

Nos bairros dos bóias-frias, ainda se falava muito dos acontecimentos da noite anterior. O Jardim Primavera e o Barro Alto são cortados pela Avenida José Corona, que tem jeito de estrada e leva da cidade à rodovia para São Paulo. E foi no entroncamento das duas vias, e em cem metros da José Corona, que os garotos e rapazes bóias-frias tinham apedrejado carros e desafiado a polícia, na noite anterior.

— Os homens (soldados) correram atrás da gente e invadiram as casas. Jogaram bombas. Aí nós pegamos o facão. E pedra. Metemos pedra mesmo.

Ninguém podia duvidar de que fatos como esses, contados por um dos rapazes do Jardim Primavera, iriam repetir-se ontem à noite. À tarde, já uma rapaziada, comandada por um velho e outros adultos, cercara o carro do Jornal da Tarde e de O Estado. Pedras na mão. “É da reportagem, pode passar” — avisou o velho, condescendente, ao seu exército de imberbes. Mas informou que ninguém mais passava. “E, se a polícia engrossar, nós também engrossamos”.

Justamente ali há um campo de futebol, ontem ocupado por muitos cortadores de cana momentaneamente ociosos. Qualquer problema, viriam dali os reforços. “Quem jogou pedras ontem (contava-se no bairro) foram, no começo, os moleques. Mas os policiais vieram em cima e a gente não ia deixar criança apanhar, não é?”

No trevo, um numeroso grupo de garotos apanhou suas pedras e empunhou estilingues, tão logo o carro do jornal se aproximou. Mas não atiraram, já que o inimigo havia passado a primeira barreira. O motorista, entretanto, reforçou: “Já conversamos com os homens, lá atrás”. E acelerou fundo.

O cheiro da bomba

Entretanto, nas ruas de terra de Barro Alto, ladeadas por casas muito pobres, com homens e mulheres à porta, crianças correndo, falava-se da bomba. Numa das esquinas, uma mancha esbranquiçada contra o marrom do barro era a prova. O cheiro acre, que ainda exalava, tirava qualquer dúvida. A bomba de gás tinha sido atirada pelos policiais contra os apedrejadores. Contava-se que um rapaz, atingido, tivera de ser medicado.

Mas foi justamente junto a esse “marco” que a alma das camadas mais miseráveis entre os próprios cortadores de cana mostrou-se por inteiro. Homens exaltados, discursavam em sua fala apressada.

— Nós vamos para a usina Bonfim, hoje. Não é longe daqui. Se tiver polícia, vamos a pé. Combinado? Não, a hora que resolver a gente junta e vai. Medo? Aqui é uma guerra... uma guerra de pobreza. Ou a gente para tudo ou então...

— A gente está disposto a tudo o que vier. Se não mandarem o comestível (do fundo de greve), a gente parte para enfrentar os mercados, na cidade. O que não pode é a gente ficar com fome.

Mulheres humildes secundam os homens. Falam ao mesmo tempo, o tom é de que estão decididas a fazer alguma coisa.

— Onde tiver comida (uma das mulheres falando), nós vamos entrar e vamos comer. Vamos lá e pegamos.

— Não, isso não (diz outra). Vamos pedir esmola...

E nesse desespero de querer decididamente fazer algo sem saber exatamente o quê, um dos homens, um mulato falante, acaba dizendo:

— Nós vamos nas fazendas, roubar boi.

Mas, três horas depois, a greve acabou.

Valdir Sanches, enviado especial.

(Página 13)